

JAZZ

12 JANEIRO 2018

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Huntsville

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarras, banjo, pedal steel guitar Ivar Grydeland Baixo elétrico, contrabaixo, caixa de ritmo Tonny Klufden
Percussão, caixa sruti, tabla machine, drone commander Ingar Zach Som The Sound Wiz

Sex 12 de janeiro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Huntsville ou a simplicidade complexa

A primeira impressão que temos ao ouvir a música dos Huntsville é aquela que o próprio baterista deste trio da Noruega já transmitiu em entrevista, a de que se trata de «uma mistura bizarra» que, não obstante essa característica, ou essa condição, «funciona». Ingar Zach referiu-se assim a duas particularidades que de imediato nos assaltam os ouvidos: primeiro a esquizoide combinação de elementos provenientes do jazz elétrico (“Bitches Brew”, de Miles Davis, é uma referência), do rock (com ecos que vão dos Can aos Sunn O))), passando por Velvet Underground e Sonic Youth), da folk norte-americana, country & western incluído (através das sonoridades do banjo e da guitarra *pedal steel*), e das músicas ancestrais da Índia e do Japão; depois, o modo minimalista como todos esses aspetos são trabalhados, «no sentido de que pequenas ideias são colocadas em movimento, com a introdução de *loops* que se mantêm durante muito tempo e com várias camadas a darem corpo a temas que podem durar entre 40 e 50 minutos».

Se são estes dois aspetos que logo definem a personalidade musical do projeto, diferenciando-o da generalidade das propostas surgidas no domínio da música improvisada (diferença essa que compreende os grupos Looper, em que também encontramos Zach, e Dans les Arbres, que conta com os préstimos do guitarrista Ivar Grydeland, ambos recorrendo a alguns dos mesmos

procedimentos), ficarmo-nos por elas é fazermos um julgamento de superfície. O tipo de julgamento que se faz ao comparar Huntsville com The Necks, com a distinção de que os repetitivistas do Norte da Europa são mais nevróticos, mais sombrios (o nome da banda remete-nos para o cinema de terror) e, sobretudo, mais eletrónicos, devido à *tabla machine*, à *sruti box*, ao *drone commander*, às pedaleiras de efeitos e aos *laptops* envolvidos, do que os australianos que trouxeram as estratégias composicionais de Terry Riley e Steve Reich para a improvisação. Huntsville é muito mais do que isto, ou pelo menos é isto com muito mais a considerar.

E tanto assim que Grydeland dedicou a sua tese de doutoramento a uma desmontagem dos processos que caracterizam os Huntsville mais do que qualquer outra das formações em que participa. Apresentada em 2015 na Academia de Música da Noruega e depois disponibilizada na Internet, “Ensemble & Ensemble of Me – What I Think About When I Think About Improvisation” tem o formato de uma enciclopédia, com cada uma das entradas a referir um fator metodológico. O músico não procurou estabelecer um manual de utilização para outros improvisadores, mas tão-só teorizar sobre uma prática que, depois de cinco discos editados (o primeiro, “For the Middle Class”, data de 2006, esperando-se agora o seguimento do último álbum publicado, “Pond”, de 2015), está já estabelecida como uma das mais intrigantes e sedutoras da atualidade. «Os conceitos que desenvolvi mostram como a improvi-

sação funciona na minha perspectiva, baseando-se na experiência que tenho sobre a maneira como a música é criada e nos critérios que aplicamos. Não procuro dar respostas objetivas; prefiro até que sejam outros a fazê-lo», comentou.

Porque a aventura Huntsville continua, e sempre com uma preenchida agenda de concertos por todo o mundo, também poderia prosseguir a reflexão constante nesse estudo. Aliás, mais perspectivas foram surgindo no último par de anos: «Este trabalho poderia ter seguimento; se a documentação está, por enquanto, completada, a minha contemplação dos muitos fatores musicais mantêm-se.» Um dos propósitos desta “enciclopédia” pessoal é mostrar como a música – toda a música, por princípio ou por defeito – tem diversas vertentes, indo neste caso muito para além da mera fusão de géneros e tendências, da adoção de *grooves* obsessivos ou, inclusive, da noção que se instalou quanto ao que é isso a que chamamos música improvisada. Diz Ivar Grydeland sempre que os Huntsville são identificados com a “improvisação livre”: «Muita da nossa música é improvisada e alguma dela é livre, mas não cabemos nessa definição. O termo serve como rótulo a uma corrente musical ou significa que a música é livre de constrangimentos de estilo. Num caso como no outro, é um termo enganador, causando equívocos e muita mistificação. Sim, os nossos conceitos são por vezes contraditórios e o mais certo é que uma viagem através deles nos traga de novo ao ponto de partida.»

Essa viagem de partida e regresso está (para os Huntsville) representada

pelos *mobiles* do escultor Alexander Calder, e em particular por “Steel Fish”, obra de 1934 que combina vários objetos numa «relação recíproca em permanente fluxo», para recuperar palavras de Grydeland. «Os seus elementos movem-se constantemente e a peça adota novas formas. De cada vez que olhamos para ela descobrimos uma versão de si mesma. O processo usado pelos Huntsville é algo semelhante: a nossa música depende também de um labor de moldagem e conexão de objetos que desafia qualquer ideia de equilíbrio», refere. Daí o foco do grupo em questões como a criação de contínuos («uníssonos timbrais que derretem uns nos outros»), de repetições ou variações (no seu entender, «é a própria repetição que revela a variação», sendo a melhor variante «aquela que não é óbvia» e a melhor repetição «a que só parece sê-lo»), organização estrutural por ciclos, articulações entre linearidade e não-linearidade («a linearidade de melodias tão lentas que nos esquecemos que são melodias ou a linearidade de movimentos que apontam simultaneamente para várias direções, inspirando-se no princípio do “tempo linear não dirigido” do musicólogo Jonathan D. Kramer») ou sistemáticos aproveitamentos do acaso, numa atitude que, de tão intencionada, já não pode ser considerada como indeterminista («a imprevisibilidade preparada só são bem-vindos certos acidentes – é o nosso gosto que decide as regras do sistema»).

Encontramos outros aspetos ainda numa performance dos Huntsville, nenhum deles simplisticamente defini-

vel. Um, decisivo, é o relacionamento que se estabelece entre coletivismo e individualidade, com Ivar Grydeland, Tonny Klufften e Ingar Zach a acreditarem que o melhor entrosamento coletivo surge através do autocentrismo de cada um dos integrantes do trio, nesse “através” cabendo tanto diretas viabilizações como a sua contrariação: «O que faço na banda é tão independente quanto dependente. É num processo dialético entre forças opostas que operamos um modo de estar simultaneamente individual e coletivo. A coletividade depende da individualidade e até do nosso egoísmo. Da interferência de uma na outra resulta o que há de mais atrativo na música.» A gestão destes parâmetros é ética e envolve premissas como a confiança e o sentido de responsabilidade. Uma improvisação em grupo é colaborativa e mutualista: «Sei que juntos conseguiremos manter a tensão, porque acredito nos meus pares e nas suas escolhas e eles acreditam nas minhas. A responsabilidade é distribuída por igual, mas está em cada um de nós, é pessoal. No que me diz respeito, é minha, só minha.»

Nem mesmo o conceito de simplicidade é simples quando se trata dos Huntsville: «Tendo a limitar o meu material até quase nada. Essa escassez permite uma certa flexibilidade. São os materiais mais simples que formam os compósitos mais interessantes. E se o que eu escolho é demasiado elementar, se lhe falta energia, se não me parece bem, ajuda ser paciente: os outros membros do grupo depressa preencherão o que falta ou eu próprio descobro o que

está dentro do som. Este cresce e quase acaba por viver a sua vida por si mesmo. É o tempo que congemma a complexidade.» Daí que a música pareça estática, embora evolua sub-repticiamente e necessite de grandes durações para estabelecer o seu caminho. O início pode não conter qualquer indicação de como será o fim, mas este é reconhecido pelos músicos quando chega. Segundo Kramer, a continuidade dirigida da música não tem obrigatoriamente de implicar o destino que mais adiante a espera.

Os Huntsville estão muito especialmente interessados na forma, e esta é indiferente ao idioma (ou, mais exatamente, à mescla de idiomas musicais) que ostenta. Mais importante é a sua caracterização como “escala” (compreendendo o todo e as suas secções) e como conjunto de “objetos evolutivos”, numa derivação musical dos *mobiles* calderianos que implica uma “consciençialização” em tempo real da peça que esteja em execução e de que improvisar é compor *à la longue*, mediante operações de reconhecimento auditivo e de armazenamento na memória que permitem a reintegração dos materiais através de automatismos com o corpo como mediador – automatismos esses que são mais físicos do que propriamente mentais. No que a trâmites formais respeita, a parceria que há décadas vem unindo Grydeland e Zach (duo, trios com Tony Oxley e Thomas Lehn, ensemble New Spaghetti Edition, quarteto Dans les Arbres com Xavier Charles e Christian Wallumrod, Hiss com Pat Thomas e mais) é vista pelo primeiro como uma

«relação unidimensional». O guitarrista já afirmou que a musicalidade sincopada dos Huntsville se baseia na articulação dos pensamentos (polir)rítmicos de Zach e seu, amplificada pelos contributos de Kluften, contrabaixista que é igualmente um ritmista polifónico como poucos outros.

«Este é um espaço multidimensional. Já não sou magnetizado pela bateria e soltei-me das funções de acompanhante e dos arpejos intermináveis. A música que tocamos é polimétrica e agora consigo incluir mais paragens e pausas do que era habitual. Os Huntsville mantêm os mesmos postulados de sempre, mas mudaram. Por exemplo, hoje recorro menos ao banjo, mas transferei a maneira como o tocava para as guitarras», confessou Ivar Grydeland por alturas do lançamento de “Pond”. Vamos ficar a saber como da melhor maneira: ao vivo.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Ivar Grydeland

Ivar Grydeland divide o seu trabalho como guitarrista e tocador de banjo em várias frentes, seja acompanhando a cantora *avant-pop* Hanne Hukkelberg, participando no grupo de música improvisada Dans les Arbres e contribuindo para o country-rock dos Last Heat.

Tonny Kluften

Com o contrabaixo e o baixo elétrico como seus principais instrumentos, Tonny Kluften é colíder do ensemble No Spaghetti Edition, que junta alguns dos mais importantes improvisadores da Noruega, integra os HISS e trabalha regularmente com o baterista Tony Oxley.

Ingar Zach

Considerado um dos mais importantes bateristas da Europa, Ingar Zach está envolvido num grande número de projetos, do solo de percussão e de um duo com Miguel Angel Tolosa a bandas como Dans les Arbres, Mural, Looper, Glück, O3, LabField e SNO.

Próximo espetáculo

Cavalos Selvagens

de Bruno Alexandre



Dança Sex 19, sáb 20 de janeiro

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração aproximada: 1h · M12

Um projeto sobre a insubmissão que, inspirado em bailarinos e coreógrafos que fazem parte da história da dança, fala de atos ou momentos intimamente ligados à ideia de insubmissão como um gesto político e artístico.

Próximo espetáculo de música

Ricardo Toscano



Jazz Sáb 27 de janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M6

Na base do talento do saxofonista está uma extraordinária e rara intuição, a que há que juntar incontáveis horas a ouvir e a tocar, sozinho e com os outros, que é, sempre foi e será, a melhor forma de crescer no jazz. Toscano, ainda um jovem, leva já muitas milhas de voo entre os maiores e os seus pares de geração. Depois de esgotar o Pequeno Auditório, Ricardo Toscano regressa à Culturgest, agora para atuar no Grande.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt